

DESCENDO O PACÍFICO RUMO AO SUL

Turismo sustentável através dos esportes de aventura

GOING DOWN THE PACIFIC TO THE SOUTH
Sustainable tourism through adventure sports

Maria Alice Humberto Silva¹ e Gisele Silva Pereira²

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o conteúdo do programa Descendo o Pacífico, do canal de televisão *Off*, identificando a relação dos esportes de aventura com a prática, mesmo que involuntária, de um turismo sustentável. O roteiro necessário à coleta de dados foi elaborado a partir da adaptação feita por Silva e Cândido (2016) do Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento do Turismo – SISDTur, proposto por Hanai (2009). A partir dos resultados, evidencia-se que a dimensão mais contemplada pelo programa foi a ambiental e a menos contemplada foi a econômica. Os resultados também revelam que os atletas de esportes de aventura vivenciam nas suas viagens a prática do turismo sustentável, mesmo que sua motivação principal nas viagens não seja o turismo. Além disso, o que podemos observar sobre o nosso Sul durante nossa pesquisa é que foi aqui onde encontraram a maior pluralidade e diversidade cultural e climática. A América do Sul é única, mas também é variada, em seus povos, na sua história, na sua geografia, no seu solo, em tudo.

Palavras-chave: turismo sustentável, esportes de aventura, canal *Off*.

Abstract

The present research aimed to analyze the content of the Channel Off TV program Descending the Pacific, whilst identifying the relationship between adventure sports and the practice, even if involuntary, of a sustainable tourism. The data collection script was designed based on the adaptation undertaken by Silva and Cândido (2016) in the Tourism Development Sustainability Indicator System – SISDTur, proposed by Hanai (2009). From the results, it is evident that the dimension most contemplated by the program was the environmental one and the one that was least contemplated was the economic dimension. The results also reveal that adventure sports athletes experience in their travels the practice of sustainable tourism, even if their main motivation in travel is not tourism. Furthermore, what we can observe about our South during our research is that it was here where they found the greatest plurality and cultural and climatic diversity. South America is unique, but it is also varied, in its people, in its history, in its geography, in its soil, in everything.

Keywords: sustainable tourism; adventure sports; channel Off.

Introdução

O presente estudo tem por objetivos analisar o conteúdo do programa Descendo o Pacífico, do canal de televisão *Off*, identificando a relação dos Esportes de Aventura com a prática, mesmo que involuntária, de um Turismo Sustentável, além de examinar os aspectos sustentáveis nas viagens dos praticantes de esportes radicais. Estes praticantes, além de esportistas, também podem ser considerados turistas tendo em vista que desempenham esse papel por se deslocarem do seu local de origem e permanecerem fora dele num período maior que 24 horas e menor que um ano, conforme preconizado pela Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001).

Existe uma relação direta entre os Esportes de Aventura e o Turismo, pois estes esportes tendem a priorizar um turismo sustentável, que é aquele que satisfaz as necessidades dos visitantes e as necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto os aspectos culturais, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são mantidos para o futuro (MTUR, 2009). Esta relação se dá em função de seu contato direto com a comunidade local de lugares, muitas vezes, incomuns, desconhecidos e poucos explorados, mas que possuem os melhores atrativos naturais para os praticantes de atividades físicas de ação na natureza. Também, a partir dessa interação movimenta-se a economia local, pois por se tratarem de locais mais isolados, os recursos humanos existentes são os próprios moradores, em sua maioria.

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu no oitavo semestre do curso de Bacharelado em Turismo, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), quando uma das pesquisadoras sentiu a necessidade de explorar a multidisciplinaridade – aspecto bem característico e discutido do Turismo e necessário à sustentabilidade. Assim sendo, esta pesquisadora cursou a disciplina de Atividades Físicas de Ação na Natureza (AFAN), no curso de Educação Física, da UFPEL, a qual trata sobre as atividades que não exigem competições (como teoricamente são os esportes), praticadas na natureza e que proporcionam adrenalina e sensação de desafio – com a própria natureza, para quem as pratica.

A metodologia das aulas de AFAN contemplava conteúdos de documentários sobre Esportes de Aventura – mais especificadamente documentários e programas do Canal *Off* – um canal de televisão por assinatura brasileiro lançado pela Globosat, subsidiária do Grupo Globo. Ao analisarmos os programas e documentários apresentados em aula verificamos claramente a ligação dos esportes radicais de aventura com o turismo, e mais, que a ligação entre eles é a sustentabilidade – exercida pelos viajantes/esportistas, que vão em busca da prática das atividades de ação na natureza, explorando o mundo todo em busca do melhor local para a prática do seu esporte preferido.

Desta forma, torna-se necessário ressaltar a importância da conexão entre os Esportes de Aventura – praticados na natureza e o Turismo – sendo ele de Aventura, que possui relação direta com a natureza, uma vez que é realizado no meio natural e afeta as comunidades locais dos locais explorados. Assim, a relação entre os Esportes de Aventura e o Turismo merece maior atenção por parte das duas áreas – Esporte e Turismo, por se complementarem sendo seus praticantes Esportistas e também Turistas – mesmo que por vezes não percebam o segundo papel que exercem e sua influência no meio natural.

¹ Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, alice.hbs@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, gisele_pereira@hotmail.com

Referencial Teórico

Esporte

Somos – durante toda a vida, orientados a cuidar do nosso corpo e da nossa mente, com isso, somos fortemente incentivados a praticar algum tipo de esporte, por se tratar de atividades em que se exercitam as duas coisas. Na busca de melhor explicar a contribuição dos esportes para a qualidade de vida do ser humano, Minayo, Hartz e Buss (2000, p. 10) conceituam a qualidade de vida como:

Uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social, ambiental e também na própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar. O termo abrange muitos significados, que refletem conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ele se reportam em variadas épocas, espaços e histórias diferentes, sendo, portanto, uma construção social com a marca da relatividade cultural (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000, p. 10).

Como os autores nos falam, o bem-estar do indivíduo está atrelado a satisfação pessoal encontrada em atividades que englobam a família, as relações amorosas e sociais, além do contato com o meio natural. Fatores esses que podem ser encontrados ao se praticar algum tipo de esporte. Ao trazer o Esporte na natureza, mais especificadamente, vemos que, por vezes, a busca do contato com o meio natural se dá no intuito de fugir da rotina nos centros urbanos, sendo assim um dos fatores impulsionadores para a prática desse segmento esportivo.

Conforme Betti (2001, p. 159):

O termo Esporte é bem mais amplo hoje do que em sua clássica definição relacionada a: “competição, comparação de desempenhos, busca da vitória ou recorde, etc.”. [...] hoje há ampla polissemia do fenômeno esporte, fazendo com que tal fenômeno transcenda aquela definição referente ao esporte espetáculo ou de rendimento (BETTI, 2001, p.159).

De fato, essa pesquisa busca mostrar a face do esporte praticado por amor e paixão, ambos os sentimentos despertados em seus praticantes – que bem são praticantes e não competidores, não visando ganhos entre outros praticantes, apenas o ganho do prazer e do desafio feitos a eles próprios e a natureza que os acolhe.

Nesse sentido do esporte que nortearmos a pesquisa e a análise proposta, para a fim de entendermos que as práticas de tais esportes levam ao desejo de interação com as comunidades locais dos meios naturais onde procuram desafiar-se, assim como a preservação desses meios, vivendo e interagindo com a sociedade local e também sua cultura, movimentando desse modo sua economia.

Segundo Miguel, Folgiarini e Souza (2016) esses esportes têm como palco principal as matas, campos, rios e tudo o que compõem a flora e a fauna, sendo assim, aqueles que escolhem essas áreas para o lazer e/ou esporte, acabam desenvolvendo esse sentimento de proteger, preservar.

Na presente pesquisa o esporte de aventura em foco é o surfe, que exige, de se estar no meio natural, nesse caso, o mar, para poder praticá-lo. Segundo Souza (2013, p.

85-86) o surfe pode ser compreendido como:

Um esporte de inclusão, que agrega valores e sentimentos. É um esporte democrático, onde os surfistas, limitados a uma prancha e um calção, evitam as diferenças sociais, neste universo o pobre e o rico dividem e cultivam o mesmo ambiente, são todos apreciadores do oceano, arriscam de estudantes das dinâmicas dos ventos, marés, lua e ondas, sempre com um objetivo em comum, o utópico sonho de surfar a onda perfeita (SOUZA, 2013, p. 85-86).

Com embasamento nesta definição que o objeto de estudo foi definido, por contemplar este conceito que nos traz terminologias como valores e sentimentos, na prática no esporte.

Souza (2013, p. 85) complementa ainda falando sobre a prática desse esporte que desperta uma paixão em quem o pratica, capaz de fazer os praticantes se deslocarem quilômetros para longe de seu local habitual em busca de uma onda perfeita: “Há quem diga que surfar é o alimento da vida espiritual, que o surfe é religião, é amor incondicional, é filosofia, é cultura ou simplesmente estilo de vida”.

Quando falamos de Esportes de Aventura, logo pensamos que eles oportunizam a relação homem-natureza, e quando temos essa relação é interessante sabermos as motivações que levam tais pessoas a se desapegarem do certo, do confortável, do convencional, para correr riscos, aventuras, entre tantas outras emoções que o esporte de risco e aventura traz ao praticante. Conforme Bahia e Sampaio (2007, p. 180):

Uma característica a ser ressaltada é a de que a prática dessas atividades, muitas vezes, passa a ser uma válvula de escape da vida cotidiana e do estresse da vida urbana, que se reflete na busca do elemento “exótico” nas viagens à natureza e em certa fuga de valores que são vividos no cotidiano das pessoas (BAHIA; SAMPAIO, 2007, p. 180).

A natureza influencia diretamente na saúde mental e física do indivíduo, portanto, estudos como o proposto por essa pesquisa são de suma importância para que cuidemos da preservação desses espaços, ao trazermos atividades para estes. O mesmo acontece com os esportes praticados nesses espaços – onde seus praticantes se deslocam para diferentes locais do mundo (sendo categorizados, assim, como turistas) em busca dos melhores ambientes para a prática de sua atividade. É necessária a conscientização sustentável pelos recursos naturais e culturais de cada localidade. No caso do surfe – esporte de enfoque dessa pesquisa, basta frequentar qualquer praia mundo a fora que possua ondas para a prática dessa modalidade que, naturalmente, aparecerão os entusiastas surfistas com suas pranchas em baixo dos braços (SOUZA, 2013).

Com todas essas motivações se torna cada vez mais recorrente a fuga dos centros urbanos rumo à natureza para usufruir dos atrativos naturais e para a prática de esportes de aventura, os quais a urbanização impediu ao se apropriar dos espaços naturais. No caso dos esportes de aventura, há também uma busca de uma adrenalina extinguida pela rotina de trabalho, compromissos e obrigações, pois vê-se que os praticantes de esporte de aventura têm verdadeira paixão pelo risco, por desafiar-se, tendo por seu maior oponente a natureza e a si mesmo, enfim, sensações e sentimentos não proporcionados para o indivíduo no dia a dia. Por isso paga-se o alto preço do deslocamento para lugares tão afastados, pois é neles que esses esportistas encontram tudo isso que procuram e que a urbanização lhes priva.

Sistema de Indicadores de Sustentabilidade

Neste estudo utilizamos a adaptação feita por Silva e Cândido (2016) do Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento do Turismo – SISDTur, proposto por Hanai (2009). Esse sistema foi elaborado a fim de:

Investigar cientificamente procedimentos e indicadores para análise do processo de desenvolvimento do turismo, no sentido de propiciar a elaboração de instrumentos técnicos e científicos para sua medição, auxiliando a tomada de decisões e a gestão sustentável da atividade turística (SILVA; CÂNDIDO, 2016, p. 480).

Para Van Bellen (2006 apud SILVA; CÂNDIDO, 2016), o objetivo principal dos indicadores é o de agregar e qualificar informações de maneira que sua significância fique mais aparente. Assim sendo, um sistema de indicadores é imprescindível no planejamento e na gestão de destinos turísticos. Desse modo, as dimensões que integram o SISDTur são: ambiental, social, cultural, econômica, turística e institucional (SILVA; CÂNDIDO, 2016).

A dimensão ambiental apresenta 14 indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. A quantidade de água consumida por turista em um período não afeta o consumo local.
2. Existem programas de redução do consumo, desperdício ou reuso de água.
3. Existe monitoramento da qualidade da água.
4. A quantidade de resíduos sólidos gerados pela atividade turística é em grande proporção.
5. Existem programas de redução da quantidade de resíduos sólidos.
6. Existe coleta seletiva de resíduos sólidos e processo de reciclagem.
7. A energia consumida por um turista em um período não afeta o consumo da produção local e não é em grande proporção.
8. Existem programas de redução do consumo de energia.
9. Existe processo de tratamento de esgotos.
10. Existem áreas preservadas, recuperadas ou em processo de recuperação.
11. Existem programas ou instalações para melhoria da qualidade do ar.
12. Existe programa orientado de interpretação em educação ambiental ou cultural.
13. Existem associações de grupos ambientalistas na localidade.
14. Existe processo de certificação ambiental ou turística.

A dimensão cultural lista sete indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. Existe uma boa quantidade de produtos típicos locais ofertados (artesanatos, suvenires, etc.).
2. Existe uma quantidade de bens patrimoniais, arquitetônicos, arqueológicos e históricos.
3. Existe uma boa quantidade de eventos e festivais populares tradicionais de manifestações culturais.
4. Existem atos de vandalismo praticados por turistas aos artefatos

culturais.

5. Existem atos de vandalismo praticados por residentes aos artefatos culturais.
6. Houve mudança no modo vestir e interesse por aprender novas línguas.
7. Houve mudança na percepção sobre dificuldades de estacionamento nas ruas principais.

A dimensão social contempla cinco indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. Existe um bom número de residentes locais empregados nos estabelecimentos turísticos.
2. Existem iniciativas de capacitação e treinamento profissional aos funcionários residentes locais.
3. Existem funcionários residentes locais com capacitação em turismo.
4. Os empregos fixos no setor turístico são mais que os empregos temporários.
5. Existe satisfação da população local com o turismo.

A dimensão econômica elenca cinco indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. A atividade turística gera renda e emprego para a população local.
2. Os estabelecimentos turísticos se mantêm há um bom tempo de permanência no destino turístico.
3. Os estabelecimentos turísticos funcionam nos finais de semana e feriados.
4. Os turistas gastam uma boa quantidade de recursos financeiros por dia nos estabelecimentos turísticos.
5. Os investimentos anuais em turismo são equilibrados e atendem ao aumento da demanda.

A dimensão turística aponta 11 indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. A oferta em hospedagem é suficiente para atender a demanda turística.
2. Existem facilidades para a mobilidade de pessoas com dificuldades de locomoção ou outras necessidades especiais.
3. Existe registro de controle da visitação.
4. Existe programação de atividades educacionais e visitas guiadas a atrações de interesse ambiental ou cultural.
5. Existe proporção no tempo gasto pelo turista em visitas ou atrações de interesse ambiental ou cultural.
6. Os empreendimentos turísticos e os turistas respeitam a capacidade de carga dos atrativos.
7. Existe equilíbrio entre o número de guias e turistas.
8. Existem muitos incidentes e acidentes envolvendo turistas e visitantes.
9. Os turistas ficam satisfeitos com os serviços oferecidos e voltam outras vezes ao município.
10. Existem taxas de visitação pagas para contribuições de proteção, conservação ou utilização dos atrativos turísticos.
11. Existem instalações e estruturas de minimização de impactos ambientais decorrentes do turismo.

A dimensão institucional engloba cinco indicadores, sendo eles (SILVA; CÂNDIDO, 2016):

1. A capacitação de apoio técnico em turismo é suficiente para atender à demanda turística.
2. Existe participação da comunidade local na elaboração e gestão de planos para o turismo local.
3. Existem estratégias de promoção e comercialização dos produtos turísticos.
4. Existe legislação para proteção do patrimônio histórico na localidade.
5. Existe legislação para proteção do patrimônio natural na localidade.

Conforme mencionado anteriormente, cada dimensão foi pensada e organizada para agregar e qualificar informações de maneira que sua significância fique mais aparente (VAN BELLEN, 2006 apud SILVA; CÂNDIDO, 2016).

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória. A problemática proposta pela presente investigação ainda é pouco abordada, porém de grande relevância para ambos os segmentos envolvidos – Turismo e Esporte de Aventura. Por isso, se enquadra em um nível exploratório, como explica Gil (2008), ao afirmar que esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. O objeto de pesquisa escolhido para se atingir os objetivos desta investigação foi um programa televisivo da grade de programação do Canal *Off*. É importante salientar que a utilização de mídia televisiva – um recurso ainda pouco explorado nas pesquisas em turismo, como uma ferramenta facilitadora para a análise de estudos como este proposto, se revela bastante rica. Em sua maioria, os programas desse canal tratam de *reality*, que são um tipo de programa televisivo apoiado na vida real (GARCIA; VIEIRA; PIRES, 2002). Nesse sentido, acompanham esportistas de diversas modalidades em busca do meio natural que mais favoreça a prática de seu esporte.

No programa escolhido tem-se a viagem e a prática de surfe – um esporte de aventura no meio natural, o mar. Com o título *Descendo o Pacífico*, o programa protagoniza o casal Luiza Campos e Stephan Figueiredo em busca de novos desafios, começando por uma viagem para conhecer a costa oeste do continente americano, de norte a sul, atrás de ondas e aventuras, e realizando todo seu trajeto em uma caminhonete – modificada e adaptada pelo próprio casal, para que a mesma servisse de alojamento durante essa jornada. No decorrer do programa, é possível acompanhar o contato frequente do casal com a natureza – que vai da neve no Alasca às quentes praias no Panamá e na Colômbia, perfazendo assim todo o continente americano.

A fim de contemplar os objetivos deste estudo, é necessário analisar a relevância dessas viagens para o turismo sustentável através dos esportes de aventura, tendo em vista que a prática do surfe é a motivação das viagens realizadas ao longo dos episódios, para assim identificar a relação dos Esportes de Aventura com a prática, mesmo que involuntária, de um Turismo Sustentável.

O roteiro necessário a coleta de dados foi elaborado com base na adaptação feita por Silva e Cândido (2016) do Sistema de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento

do Turismo – SISDTur, proposto por Hanai (2009). O roteiro utilizado corresponde às Tabelas de número 1 a 4, apresentadas na seção seguinte dos resultados. Segundo estes autores (SILVA; CÂNDIDO, 2016), esse sistema foi proposto decorrente da preocupação com a problemática ambiental, o rápido crescimento demográfico e a multiplicidade de atividades humanas que consomem e exploram recursos naturais. Os sistemas de indicadores de sustentabilidade correspondem aos mecanismos que são adotados para avaliar o nível do desenvolvimento sustentável de um dado espaço territorial ou de uma dada atividade econômica (SILVA; CÂNDIDO, 2016).

As dimensões ambiental, social, cultural, econômica, turística e institucional, as quais são detalhadas na seção 2.2, foram analisadas no decorrer dos 15 episódios da primeira e única temporada do programa *Descendo o Pacífico*, transmitido pelo canal *Off* no ano de 2017, o qual retratava a jornada do referido casal, ao percorrer 13 países, perfazendo 48.000 km, durante nove meses, em busca de ondas nos extremos do Alasca, do Pacífico e da Patagônia, no sul. É importante explicar que neste artigo, dado suas especificidades, foram apresentadas e analisadas as seguintes dimensões: ambiental, cultural, social e econômica, as quais são mais comumente associadas ao tripé da sustentabilidade (ambiental, social e econômica). A coleta dos dados ocorreu no período de 16 de maio a 05 de julho de 2019.

Resultados

Após analisarmos os quinze episódios da série proposta, tendo por base o SISDTur, obtivemos os seguintes resultados quanto às dimensões ambiental, cultural, social e econômica, respectivamente:

Dimensão Ambiental

INDICADORES	OBSERVADO	NÃO OBSERVADO
A quantidade de água consumida por turista em um período não afeta o consumo local.	X	
Existem programas de redução de consumo, desperdício ou reuso de água.	X	
Existe monitoramento da qualidade da água.	X	
A quantidade de resíduos sólidos gerados pela atividade turística é em grande proporção.		X
Existem programas de redução da quantidade de resíduos sólidos.		X
Existe coleta seletiva de resíduos sólidos e processos de reciclagem.		X
A energia consumida por um turista em um período não afeta o consumo da produção local e não é em grande proporção.	X	
Existem programas de redução do consumo de energia.		X
Existe processo de tratamento de esgotos.		X
Existem áreas preservadas, recuperadas ou em processo de recuperação.	X	

Tabela 1 – Dados da Dimensão Ambiental. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Existem programas ou instalações para a melhoria da qualidade do ar.		X
Existe programa orientado de interpretação em educação ambiental ou cultural.		X
Existem associações de grupos ambientalistas na localidade.		X
Existe processo de certificação ambiental ou turística.		X

A quantidade de água consumida por turista em um período não afeta o consumo local:

Observamos que, no contexto da viagem proposta no programa, os viajantes não permanecem por muito tempo em um único lugar, além de contarem com uma quantidade racionada de água pelo pouco espaço que dividem um com o outro na caminhonete.

O veículo foi planejado para ser o meio de hospedagem e convivência do casal ao longo dos nove meses de viagem. Tudo nele foi criado para ser prático e ao mesmo tempo, multifuncional. No que, originalmente, é a carroceria eles elaboraram um planejado de madeira, que funcionou como cama e armário. Por se tratar de uma longa viagem, que seria também um programa de televisão e uma casa, na travessia por mais de 10 países, tudo que foi levado foram itens de extrema necessidade.

Desta forma, eles não possuíam, por exemplo, banheiro, assim, por visitarem muitas cachoeiras ao longo de seu percurso, acabaram aproveitando desse meio natural para o banho e a higiene pessoal. Como seu meio de hospedagem não se trata de uma residência fixa, acabam por não consumir um grande volume de água de uma determinada localidade.

Existem programas de redução de consumo, desperdício ou reuso de água:

Verificamos que o casal visa utilizar realmente o mínimo necessário de água ao longo de sua aventura. Mesmo quando a necessidade os obrigou a criar um sistema próprio – fixado na parte superior da caminhonete, para que fosse possível tomarem banho, já que a partir dali entrariam no deserto da Califórnia (EUA) em direção ao México por alguns dias – almejavam, além dessa necessidade, a economia da água, fazendo que com nesse sistema saísse uma quantidade mínima e necessária para cada banho, em que três galões e meio de água, rendessem muitos banhos até o final desse percurso. Ainda assim, quando encontravam opções naturais para sua higiene - cachoeiras, optavam por estas, para não haver desperdício de água.

Existe monitoramento da qualidade da água:

Notamos no sexto e oitavo episódios, o engajamento do casal de surfistas em deixar algo de positivo por onde passavam, com o intuito de retribuir tudo de bom que as localidades lhe forneciam.

Eles explicam a proposta de uma ONG, a *Waves for Water* – Ondas por Água, que, segundo o *site* oficial do projeto, trabalha na linha de frente para fornecer água limpa a comunidades carentes em todo o mundo. Ainda conforme a fonte oficial da ONG, a *Waves for Water* teve sua fundação em 2009, para que os surfistas que percorrem o mundo atrás de boas ondas façam o que amam e ajudem ao longo do caminho. Segundo o *site* da ONG, o projeto já ajudou na vida de mais de sete milhões de pessoas, em mais de vinte e sete países. (WAVES FOR WATER, 2019).

A grande proposta é que os viajantes transportam *kits* de filtros de água na sua bagagem, a fim de instalá-los em localidades onde percebam a necessidade de água potável. Stephan e Luiza aderiram a esse projeto, para esta viagem. Levaram consigo cinco *kits* desses filtros e ao longo dos nove meses e 13 países, distribuíram os cinco onde mais perceberam a necessidade dos mesmos.

No sexto episódio ao passarem pelo deserto da Califórnia, nos EUA, em direção ao México, o carro do casal acaba ficando preso em pequenas dunas de areia, e com a ajuda de uma família nativa conseguem retirá-lo desse local. Assim, em um gesto de troca e agradecimento, o casal pede para instalar um *kit* de filtros do projeto *Waves for Water*.

Na Nicarágua, no nono episódio, na cidade de Miramar, através do pastor da localidade, foram apresentados a uma escola onde era utilizada água de poço para as crianças beberem, onde às vezes nem essa água eles tinham para consumo. Os depoimentos são de que foi muito gratificante para o casal essa instalação, além de ser possível uma interação com as crianças da escola.

Também no 12º episódio, no final da passagem do casal por Lobitos, no Peru, eles conseguem fazer a aplicação de outro filtro, em uma escola. Além de instalarem os filtros, fizeram a demonstração da água poluída que beberiam e da água limpa – após a colocação do filtro, de aula em aula.

A energia consumida por um turista em um período não afeta o consumo da produção local e não é em grande proporção:

Segundo a Organização Mundial de Turismo – OMT, turismo são as atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros (OMT, 2001). Assim, enquadramos os viajantes do objeto de estudo proposto – programa televisivo *Descendo o Pacífico*, como turistas.

Observamos, então, tendo em vista o conceito de turismo, que Stephan e Luiza são turistas, que passam apenas pelos locais a fim de traçar uma determinada rota. Seu tempo de permanência em uma determinada localidade não afeta a comunidade local quando falamos em consumo de energia (e também água, ou qualquer outro recurso do local), assim como também não levam consigo nada que demande tanta energia a ponto de afetar os residentes.

Vemos que o casal se utiliza de muitos aparelhos tecnológicos para registrarem imagens, tais como câmeras, que possuem baterias recarregáveis que podemos ver sendo carregados na bateria do próprio veículo do casal, não utilizando assim da energia local.

Existem áreas preservadas, recuperadas ou em processo de recuperação:

Podemos observar, ao longo do programa, diversas áreas preservadas como parques e sítios arqueológicos. Quando entram na Costa Rica, o primeiro lugar que anseiam por visitar inclusive é um parque nacional preservado, o Parque Nacional de Santa Rosa.

Este parque protege algumas das últimas florestas tropicais secas do mundo. Segundo o *site* Costa Rica *Guide*, o Parque Nacional de Santa Rosa foi anexado ao Parque Nacional de Guanacaste, na intenção de uni-lo com a floresta tropical de altitude elevada dos vulcões Orosi e Cacao e através da divisa continental com a floresta

tropical caribenha do norte da Costa Rica. (COSTA RICA GUIDE, 2019). A esperança é que juntos esses dois parques protejam terras o bastante para garantir *habitats* suficientemente grandes para espécies em extinção, como onças e leões da montanha, criando simultaneamente um corredor biológico para pássaros e insetos fazerem migrações sazonais locais entre a floresta seca e as florestas tropicais (COSTA RICA GUIDE, 2019).

Quando chegaram à localidade o casal não pôde circular pelo parque, pois estava fechado para melhorias, mas é um lugar de relevância para essa pesquisa, já que contempla a dimensão ambiental e estava no roteiro no casal viajante.

No momento que chegam ao Peru podemos então ver os sítios arqueológicos preservados por milhares de anos. O casal tem em seu roteiro o destino turístico mais procurado do Peru, Macchu Picchu, uma cidade Inca com templos, palácios, plataformas e canais de água que mostram o que uma grande civilização foi capaz de edificar com grandes blocos de pedra, sem nenhum tipo de cimento, porém com a maior sabedoria (ADVENTURE CLUB, 2018).

Segundo o órgão de Turismo do Peru (PERU TRAVEL, 2019), o que resta das construções Incas – considerado o Santuário Histórico de Machu Picchu, foi inscrito na Lista do Patrimônio Mundial em 1983. São apontados critérios, pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, para que um bem natural seja considerado patrimônio natural mundial, a proteção, a administração e a integridade do sítio (UNESCO, 2019).

Ainda segundo o *site* da UNESCO (2019), a conservação do Patrimônio Mundial é um processo contínuo. Incluir um sítio na Lista serve de pouco se posteriormente o sítio se degrada ou se algum projeto de desenvolvimento destrói as qualidades que inicialmente o tornaram apto a ser incluído na relação dos bens do Patrimônio Mundial. Na prática, os países tendem a tomar essa responsabilidade seriamente. Pessoas, ONGs e outros grupos comunicam ao Comitê do Patrimônio Mundial possíveis perigos para os sítios. Se o alerta se justifica e o problema é suficientemente grave, o sítio será incluído na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo (UNESCO, 2019).

Dimensão Cultural

INDICADORES	OBSERVADO	NÃO OBSERVADO
Existe uma quantidade de produtos típicos locais ofertados (artesanato, suvenires, etc.).	X	
Existe uma boa quantidade de bens patrimoniais, arquitetônicos, arqueológicos e históricos.	X	
Existe uma boa quantidade de eventos e festividades populares tradicionais de manifestações culturais.		X
Existem atos de vandalismo praticados por turista aos artefatos culturais.		X
Existem atos de vandalismo praticados por residentes aos artefatos culturais.		X
Houve mudança no modo de vestir e vontade de aprender novas línguas.	X	
Houve mudança na percepção sobre dificuldades de estacionamento nas ruas principais.		X

Existe uma quantidade de produtos típicos locais ofertados (artesanato, suvenires, etc.):

Este item foi observado mais fortemente em países da América do Sul. A viagem que dá título ao programa televisivo que foi o objeto de estudo desta pesquisa – Descendo o Pacífico, foi idealizada e viabilizada, devido a existência da Rodovia Pan-Americana, que é uma estrada de 48.000 km de extensão que liga todos os países do Continente Americano, de norte a sul, com exceção dos cerca de 130 km na região do Parque Nacional de Darién, área de floresta densa entre o Panamá e a Colômbia (MOCHILEIROS, 2019).

Para atravessarem por esse trecho, não contemplados pela rodovia, foi necessário contratarem um serviço de táxi aquático, já que nesse trecho a rodovia Pan-Americana não foi concluída. Essa travessia durou cinco dias em um veleiro de cinquenta pés com outras nove pessoas.

Durante esse percurso cruzaram pelo Arquipélago de San Blas, onde realizaram mergulho e pararam em uma de suas ilhas para conhecer. Nessa ilha existem apenas duas cabanas onde moram apenas duas famílias no meio do absolutamente nada.

Eles possuem canoas que utilizam para a pesca, que fornece o alimento dessas famílias e produzem artesanatos – que segundo Luiza, não há muito fregueses para consumi-los, mas as mulheres do local fazem muitos colares para vender aos raros turistas que conseguem chegar naquela ilha. Luiza comprou vários colares para ajudar essa comunidade que vive totalmente isolada nessa ilha.

Passando pela cidade de La Montañita, na Colômbia – uma cidade voltada comercialmente para os turistas que vêm até a localidade, motivados pela prática do surfe, o casal avista um hotel com uma porteira feita com pranchas de surfe a base de balsa – a madeira mais leve, usada para fazer pranchas de surfe, dando maior flexibilidade e flutuação ao surfista (MADEIRA E ÁGUA, 2012).

Dentro desse hotel havia uma loja de pranchas de balsa, o casal então entrou para conversar com o dono e acabou descobrindo que ele é um *shaper* – artesão de pranchas (MORAES, 2015), ou seja, ele mesmo que produz as pranchas de balsa, tanto usadas na decoração do hotel, quanto as disponíveis para compra em sua loja. Ele conta que cada prancha leva em torno de oitenta horas para ser produzida, por isso acabam sendo muito mais ricas em detalhes, mas também muito mais trabalhosas em sua elaboração.

Nesse episódio Luiza não sabe, mas Stephan comprou esse artefato local para presenteá-la em seu aniversário que seria em poucos dias e eles o comemorariam ainda nessa viagem.

Ao chegarem no Peru, no sul – o país onde mais podemos identificar a dimensão cultural, era fácil e recorrente percebermos que várias localidades têm como grande aliada na sua economia local a venda de suvenires e artesanatos que representam a cultura local.

Existe uma boa quantidade de bens patrimoniais, arquitetônicos, arqueológicos e históricos:

Foi observado na passagem pelo Peru – 13º episódio, muitos patrimônios arqueológicos e históricos, como Salineras Maras, Ollantaytambo e Machu Picchu. Não estava no roteiro do casal, mas ao cruzarem com a placa indicativa, decidiram dar um passeio

pelas redondezas da cidade de Ollantaytambo e acabaram encontrando um local chamado Maras.

Nesse episódio o casal traz um pouco da história desse local. Contam que se trata de uma salineira que é literalmente da época Inca e que ainda nos dias atuais, perdura uma fonte natural de água salobra que corre pelas montanhas. O povo Inca criou canais para depositar essa água em várias poças diferentes. Essa água vai evaporando, criando os cristais de sal e as pessoas os recolhem (CANAL OFF, 2019).

Para que seja possível a conservação desse patrimônio Inca, a visitação a esse local tem um pequeno custo. Além de ter grande valia cultural e histórica, segundo Luiza, as Salineras também geram renda à localidade, já que muitas pessoas têm por profissão o recolhimento para a comercialização do sal que ali se forma (CANAL OFF, 2019).

Segundo o *blog* virtual Viagens Machu Picchu (2019), as Salineras, além de gerarem renda à população local com a produção de sal, também trazem retorno financeiro à localidade, devido a atividade turística presente no atrativo:

Essa é uma fonte de renda não apenas pela produção do sal, mas também para o turismo, em virtude da região fazer parte do vasto e mítico território do Vale Sagrado dos Incas, oferecendo paisagens esplendorosas e visitação fascinante. Para visitá-las, o turista paga em torno de 10 soles, comprando o ingresso na hora para aproveitar o passeio por entre os tanques. Essa visita é agradável, visto que pode-se observar linda região de montanhas do vale, os tanques cheios, pessoas trabalhando na extração, os pequenos canais onde correm as águas, podendo também tocar e provar o sal. Muito cuidado para não escorregar e tomar um banho de água salgada, ainda que sejam águas quentes (VIAGENS MACHU PICCHU, 2019, s/p).

Chegando em Ollantaytambo, a cidade mais próxima que se consegue chegar de carro para pegar um trem para Machu Picchu, eles foram surpreendidos com a beleza do local. Havia planejado apenas passar por ali rumo a Machu Picchu, mas acabaram permitindo-se conhecer a localidade.

A cidade toda fica no meio de um vale, com montanhas gigantescas e ao redor dessas montanhas é repleto de ruínas Incas. O casal decide visitar uma delas, mas encontram algumas dificuldades, como a trilha pedregosa e a altitude.

Segundo Stephan, você se sente realmente em uma cidade Inca, são centenas de pessoas pela cidade. Ainda, de acordo com ele, é apenas uma pequena cidade, com as ruínas ao redor. Então você se sente mesmo em uma cidade Inca.

A cidade se destaca como Vale Sagrado dos Incas por não se tratar de uma cidade abandonada. Ollantaytambo nunca deixou de ser habitada, nem mesmo durante a invasão dos colonizadores espanhóis, seguiu, interruptamente, sendo habitada (FUI SER VIAJANTE, 2019).

Ao longo do 13º episódio, o casal do programa relata que, por seguir sendo habitada, Ollantaytambo sofreu mudanças, adaptações com o tempo, porém o planejamento hídrico da cidade, original dos tempos Incas, foi e segue sendo preservado. É possível ver, durante esse episódio, os canais que ainda cortam a cidade e continuam a trazer água limpa para Ollantaytambo, diretamente das montanhas.

Houve mudança no modo de vestir e vontade de aprender novas línguas:

Foi observado que ao chegar na América do Sul a interação com cultura local foi registrada mais frequentemente. Esse fato nos mostra que dos treze países visitados pelo casal viajante, foi a partir dos países da América do Sul que começaram a entrar em maior contato com a cultura dos locais.

No final do décimo terceiro episódio, Luiza conta que passaram o mês mais intenso de toda a viagem em um país, que foi o Peru. Que foi o local onde eles mais se aprofundaram e aproveitaram e, realmente, foi um país onde consumiram muito souvenir local e até mesmo apareceram utilizando vestes típicas locais.

Dimensão Social

INDICADORES	OBSERVADO	NÃO OBSERVADO
Existe um bom número de residentes locais empregados nos estabelecimentos turísticos.	X	
Existem iniciativas de capacitação e treinamento profissional aos funcionários residentes locais.		X
Existem funcionários residentes locais com capacitação em turismo.		X
Os empregos fixos no setor turístico são mais que os empregos temporários.	X	
Existe satisfação da população local com o turismo.	X	

Tabela 3 – Dados de Dimensão Social. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Existe um bom número de residentes locais empregados nos estabelecimentos turísticos:

Observamos em vários episódios a contratação de serviços de locomoção da parte do casal de surfistas viajante. Balsas, barcos, veleiros, entre outros, foram os veículos que ajudaram no traslado deles quando não era possível realizar um trajeto com a caminhonete em que realizaram a aventura.

Esse tipo de serviço contratado conta com profissionais experientes por se tratar de trajetos – muitas vezes, em lugares remotos e isolados, como o veleiro utilizado na travessia do Panamá para a Colômbia. Além disso, esses profissionais os instruíam sobre a localidade e sobre os atrativos locais.

O casal também utilizava de serviços de barcos para pescar, como vimos no episódio 11, em que contratam os serviços de um pescador-mergulhador profissional para pescarem peixes, que serviriam de alimentos para eles em alguns dias da viagem.

Os empregos fixos no setor turístico são mais que os empregos temporários:

Foi observado em alguns episódios que determinadas localidades – Machu Picchu e Ollantaytambo – no Peru, Pascuales – no México, entre outras, visitadas pelo casal, sobrevivem de turismo, portanto o comércio e a renda do local dependem e giram em torno dessa atividade.

Assim, os empregos nesse setor são a maioria nessas localidades, tais como comércio de artesanato local, traslado, hospedagem, alimentação, loja de souvenirs, entre outras atividades econômicas que predominam nesses locais.

Existe satisfação da população local com o turismo:

Foi possível observarmos no decorrer do programa a satisfação das comunidades locais com os viajantes.

Ao chegarem a Kodiak, no Alasca, o primeiro lugar em que pararam foi em uma loja de bicicleta onde colheram informações com o proprietário, Jeremiah Gardner – morador local de Kodiak, que passou bastante informações para o casal e ainda os convidou para estacionarem a caminhonete no quintal dele e passarem a noite por lá.

Jeremiah ainda afirma que deseja compartilhar com eles o modo de viver das pessoas da Ilha de Kodiak, como vivem suas vidas. Diz ainda que não vê melhor maneira de fazer amizades do que comer juntos, fazer coisas juntos.

Por isso, além de permitir que usassem seu quintal para passar a noite e estacionar a caminhonete ali, também os convidou a jantar com ele e sua esposa nessa noite, assim como os deixou à vontade para caso quisessem usar o seu banheiro ou tomar banho.

Após noites geladas no Alasca dentro da caminhonete, nessa noite eles conseguem se esquentar e interagir, pela primeira vez com a comunidade local. Não apenas para fazer amizades, mas para aprender um pouco mais sobre aquela localidade. No outro extremo da série, no sul, no último episódio e no último país, eles vivem novamente uma acolhida semelhante.

Ao passarem pelo Sendero de Chile – caminho que cruza o país para permitir o acesso a patrimônios naturais e culturais do Chile, oferecendo serviços turísticos para os visitantes (FUNDACIÓN SENDERO DE CHILE, 2019), o casal se depara com uma placa que sinaliza hospedagem e resolvem parar por ali.

Luiza começa esse trecho da viagem dizendo que no Chile não haviam encontrado nada referente a onda, mas o que mais marcaria aquele lugar não seria o mar, mas sim as pessoas.

Stephan conta que conheceram um casal de idosos que, segundo os mesmos: “nasceram, viveram e vão morrer naquele local”. Ele relata uma declaração desse senhor que fala: “tenho o maior carinho pela vida, pelas pessoas que são daqui, que moram aqui e que vem conhecer o lugar”. Stephan afirma que foi uma experiência que ele e Luiza vão levar para vida.

Assistindo a esse trecho do episódio podemos ver realmente o casal convivendo com a rotina dos idosos, que vive uma vida de interior, com animais no quintal de casa – como registrado no episódio.

Luiza se emocionou muito no episódio ao falar dessa experiência que viveram com esse casal de idosos e relata:

Foi o momento mais especial do final da viagem, o encontro com esse casal, eu acho que às vezes é só você viajando *pra* muito longe *pra* você poder enxergar as coisas importantes e talvez ter mais noção do que você quer da sua vida. Eu *tava* sempre imaginando o final da nossa viagem, eu imaginava que ia ser uma coisa tipo com fogos, champanhe e o pôr do sol mais lindo do mundo, mas acho que isso tá sendo o momento mais especial *pra* mim do final da nossa viagem (CANAL OFF, 2019).

Nesse episódio podemos notar com clareza a hospitalidade com que foram tratados ao visitar esse local e o quanto os moradores estavam dispostos a essa troca cultural e de experiências. Além disso, vemos Luiza auxiliando o senhor Delvin em alguma escrita – o fator sociocultural está bem presente nesse trecho do episódio, pois para que a sustentabilidade sociocultural ocorra é necessário que a prioridade seja o respeito e a valorização pelas comunidades receptoras.

Dimensão Econômica

INDICADORES	OBSERVADO	NÃO OBSERVADO
A atividade turística gera renda e emprego para a população local.	X	
Os estabelecimentos turísticos se mantem há um bom tempo de permanência no destino turístico.		X
Os estabelecimentos funcionam nos finais de semanas e feriados.		X
Os turistas gastam uma boa quantidade de recursos financeiros por dia nos estabelecimentos turísticos.		X
Os investimentos anuais em turismo são equilibrados e atendem ao aumento da demanda.		X

Tabela 4 – Dados de Dimensão Econômica. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A atividade turística gera renda e emprego para a população local:

Como já mencionado anteriormente, identificamos que a atividade turística movimenta renda e gera emprego à população local, promovendo assim uma atividade turística sustentável. Em alguns – poucos episódios, o casal da série utilizou de meios de hospedagens dos locais – Pascuales no México, por exemplo, onde se viram obrigados a consumir dos serviços de hospedagem local, por não ser permitido dormirem no carro à noite.

Outro serviço que teve bastante retorno financeiro à comunidade local através da viagem do casal foi o traslado. Por viajarem de carro, muitas das travessias de um ponto a outro do continente, tinham que ser realizada por balsas – onde o casal também acabava pernoitando em seu interior. Além de utilizarem também de táxi aquático para concluir a viagem pelo trecho onde a rodovia Pan-Americana não foi concluída – e assim, mandaram o seu veículo em uma embarcação de contêineres.

O setor gastronômico e de suvenires também são outros geradores de renda às localidades visitadas e podemos vê-los ao longo da série sendo usufruídos.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivos analisar o conteúdo do programa Descendo o Pacífico, do canal de televisão *Off*, identificando a relação dos Esportes de Aventura com a prática, mesmo que involuntária, de um Turismo Sustentável, além de examinar os aspectos sustentáveis nas viagens dos praticantes de esportes radicais.

Nesse sentido, com base nos resultados obtidos, temos a dimensão ambiental como a mais contemplada entre as quatro dimensões analisadas neste trabalho. Por se tratar de um programa onde o fator motivador da viagem era um esporte de aventura – o surfe, seus destinos, inclusos no roteiro do casal de viajantes, foram, em sua maioria, destinos onde o meio natural se destacava. Sendo assim, a dimensão mais contemplada foi a ambiental, por abordar em seus indicadores questões como consumo de água e energia local, preservação de áreas naturais, entre outros.

Por outro lado, não foi possível uma observação mais sistemática da dimensão econômica, possivelmente por não se tratarem de destinos, propriamente, turísticos, onde sua principal atividade econômica é o turismo. O que pudemos ver ao longo dos 15 episódios do programa, é que na maioria das localidades visitadas, os fornecedores de serviços e produtos turísticos eram os próprios moradores locais, assim a atividade dos viajantes do programa tinha algum tipo de retorno financeiro para o local.

Contudo, as dimensões cultural e social também merecem destaque na presente pesquisa. Apesar de essas duas dimensões, dentre todos os seus indicadores, não contemplarem a questão da interação turista e população local, este foi um fator fortemente observado ao longo dos episódios.

Não foram poucos os episódios em que o casal recorreu aos serviços prestados por moradores das localidades visitadas, para poderem seguir viagem – e em alguns casos, para permanecer por algum tempo no local. Isso gerou experiências marcantes – segundo o relato do casal de surfistas, em termos de relacionamento com a comunidade das localidades visitadas, tendo assim como consequência a prática de um turismo sustentável, mesmo que involuntário.

Houve inúmeras trocas entre o casal do programa e os moradores, tanto para usufruir de um serviço prestado quanto simplesmente em uma conversa sobre a viagem que estavam fazendo. Também foi possível observar a satisfação dos residentes locais com o turismo, que movimenta – não apenas economicamente o local, mas principalmente movimenta a troca cultural, entre residentes e visitantes. Justamente essa satisfação que refletiu em acolhimento ao casal, que pôde experimentar isso no Alasca – no início da viagem, na América do Norte, e também no Chile, na América do Sul, já ao fim da sua jornada. Tendo nessas as experiências mais marcantes da viagem, até mesmo mais do que as ondas que pegaram ao longo dos 48.000km rodados.

Com isso, temos o impacto – positivo, causado pelos praticantes dos esportes de aventura para com as localidades visitadas. Mesmo não sendo o turismo a principal motivação desse tipo de viagem, a prática do mesmo é uma consequência. E com isso eles retribuem – de certa forma, o acolhimento e também por usufruir do meio natural existente nesses locais para a prática de seus esportes – que exigem ser praticados em ambientes naturais.

Além do respeito pelo meio natural e pela sua população residente, foi possível observar – ainda que não contemplado nas dimensões analisadas, o respeito e a admiração desses praticantes com a fauna local. Foi observado em vários episódios do programa, registros feitos pelo casal de viajantes da diversidade de animais encontrados ao longo do seu percurso. Alguns silvestres, outros raros e em extinção, todos tratados com o devido respeito, por saberem que eles que estavam adentrando o *habitat* natural desses seres. No mar – ambiente onde praticam seu esporte, foi possível ver diversos tipos de animais também, entre eles, leões marinhos, golfinhos e baleias. Todos registrados no programa, para mostrar a importância desses seres vivos na natureza.

Outros fatores de importância ambiental contemplados pelo programa foi o programa

de instalação de filtros (*Waves for Water*) que possibilitam o consumo de água potável em comunidades isoladas que não possuíam acesso a esse recurso, como no México. O que nos faz refletir sobre o grande contraste exibido ao longo dos episódios também, pois as localidades visitadas se tratavam de locais riquíssimos em termos de recursos naturais, paisagens belas, animais exóticos, grandes florestas, praias exuberantes, mas com uma realidade social, por vezes, preocupante.

Foi observado que, para esses praticantes de esportes de aventura, a interação com a população de uma determinada localidade é imprescindível. Os praticantes dos esportes de aventura precisam da comunidade local – que conhece e vive naquele meio, para saber as melhores dicas de como adentrar naquele local (seja mar, montanha, trilhas, entre outros). É a população – com a sua experiência, não necessariamente de maneira profissional, mas muito mais num intuito de uma troca, que os informa sobre essas coisas, criando assim uma relação muito mais próxima do que a de um esporte convencional, com a população local.

Os praticantes de esporte de aventura não visam o luxo em suas viagens, mas o prático e econômico – mesmo que isso exija um desprendimento do conforto. Visam o maior contato possível com o meio onde praticam seu esporte, com a comunidade que permeia a localidade e que pode auxiliá-los – quando falamos de meio natural, sabe-se que há riscos, dos mais diversos, então é necessária essa troca do esportista com o residente que conhece aquele meio.

No caso de Luiza e Stephan, casal que protagonizou a série *Descendo o Pacífico*, seu objetivo principal era percorrer (em uma caminhonete que seria a sua casa – totalmente adaptada para isso) 48.000 km, do Alasca à Patagônia, do norte ao sul do nosso continente americano, em busca de ondas raras, poucos surfadas e as melhores do mundo. Com isso conseguiram protagonizar uma viagem de turismo sustentável por salvaguardarem o meio natural visitado – e local da prática de seu esporte, assim como o aspecto sociocultural das localidades visitadas – interação com as comunidades, interesse na troca cultural com os moradores e também o retorno econômico a essas comunidades, ao adquirirem produtos locais e usufruírem de serviços prestados pela própria população local. Nessa direção, os resultados da pesquisa permitem concluir que os praticantes de esportes de aventura vivenciam nas suas viagens, em busca do meio natural mais apropriado para sua modalidade, a prática do turismo sustentável – mesmo que sua motivação principal nas viagens não seja o turismo.

Por fim, analisamos que a troca cultural com as comunidades locais para quem pratica esportes de aventura é intensa e riquíssima, o que fez com que os surfistas pudessem absorver mais dessa diversidade do nosso Sul, onde trocaram com os moradores das localidades visitadas, já que os mesmos os ajudavam a acharem ondas ideais, acomodações, alimentação. Foi aqui na América do Sul que tiveram a experiência mais íntima com a comunidade local, que foi serem convidados para se hospedar na casa de um casal de idosos chilenos, convivendo dentro da mesma casa com pessoas de outra nacionalidade, puderam absorver mais ainda sua cultura, tradições, histórias e provar da hospitalidade que se destaca na América do Sul.

Referências

ADVENTURE CLUB. *Machu Picchu*: curiosidades e história da cidade perdida dos Incas. Disponível em: <https://www.adventureclub.com.br/blog/curiosidades/machu-picchu-curiosidades-e-historia-da-cidade-perdida-dos-incas/>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BAHIA, M.; SAMPAIO, T. Lazer – Meio Ambiente. Em busca das atitudes vivenciadas

nos esportes de aventura. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Campinas, v. 28, n. 3, p. 173-189, 2007.

BETTI, M. Educação física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. IN: CARVALHO, Y. M. & RUBIO, K. (org.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, p. 155-169, 2001.

CANAL OFF. *Sobre*. Disponível em: <http://canaloff.globo.com/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

COSTA RICA GUIDE. *Santa Rosa National Park*. Disponível em: <https://costa-rica-guide.com/nature/national-parks/santa-rosa/>. Acesso em: 27 mai. 2019.

FUI SER VIAJANTE. *Ollantaytambo Vale Sagrado Inca*. Disponível em: <https://www.fuiserviajante.com/peru/ollantaytambo-vale-sagrado-inca/>. Acesso em: 02 jun. 2019.

FUNDACIÓN SENDERO DE CHILE. *Nuestra historia*. Disponível em: <https://www.fundacionsenderodechile.org/historia>. Acesso em: 18 jun. 2019.

GARCIA, D. C. D.; VIEIRA, A. S.; PIRES, C. C. *A explosão do fenômeno: reality show*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/garcia-deomara-reality-show.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2019.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HANAI, F. Y. *Sistema de indicadores de sustentabilidade: uma aplicação ao contexto de desenvolvimento do turismo na região de Bueno Brandão, Estado de Minas Gerais, Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009. doi:10.11606/T.18.2009.tde-17092009-082223. Acesso em: 2020-12-03.

MADEIRA E ÁGUA. *As madeiras e as pranchas de surf*. Disponível em: <http://madeiraeagua.blogspot.com/2012/10/as-madeiras-e-as-prancha-de-surf-ao.html>. Acesso em: 19 jun. 2019.

MIGUEL, F. M.; FOLGIARINI, A.; SOUZA, B. *O Esporte de Aventura como ferramenta de conscientização da preservação do Meio Ambiente*. Disponível em: <https://www.ulbracds.com.br/index.php/sieduca/article/view/413/83>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 7-18, 2000.

MINISTÉRIO DO TURISMO. *Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil*. Turismo e Sustentabilidade. Brasília: MTur, 2009.

MOCHILEIROS. *Estrada Panamericana*. Disponível em: <https://www.mochileiros.com/topic/1671-estrada-panamericana/>. Acesso em: jun. 2019.

MORAES, M. *Sob medida: vida de shaper*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). *Santuário de Machu Picchu*. Disponível em: <http://www.unesco.org/>. Acesso em: 07 jun. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). *Introdução ao turismo*. São Paulo: Roca, 2001.

PERU TRAVEL. *Sobre o Peru: Patrimônio da Humanidade*. Disponível em: <https://www.peru.travel/pt-br/sobre-o-peru/patrimonio-da-humanidade.aspx>. Acesso em: 10 jun. 2019.

SILVA, N. C.; CÂNDIDO, G. A. Sistemas de Indicadores de Sustentabilidade do Desenvolvimento Turístico: um estudo de caso do município de Areia – PB. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 475-496, 2016.

SOUZA, P.C. *Surf: do desenvolvimento histórico ao profissionalismo*. Rev. Acta Brasileira do Movimento Humano, v.3, n.3, p. 84-98, 2013.

VIAGENS MACHU PICCHU. *Salineras de Mara: o sal que brota do Peru*. Disponível em: <https://blog.viagensmachupicchu.com.br/2018/09/salineiras-de-maras-o-sal-que-brota-do-peru/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

WAVES FOR WATER. *About us*. Disponível em: <http://www.wavesforwater.org/about/story>. Acesso em: 27 maio 2019.